

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.1>

## Prevalências ao nascimento de anomalias congênitas entre nascidos vivos no estado do Maranhão de 2001 a 2016: análise temporal e espacial

Luzivan Costa Reis, Márcia Helena Barbian, Augusto César Cardoso-dos-Santos, Elis Vanessa de Lima Silva, Juliano André Boquett, Lavínia Schuler-Faccini

<https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.1>

Submetido em: 2020-12-14

Postado em: 2020-12-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**DOI: 10.1590/1980-549720210020.supl.1  
e210020.supl.1**

**Artigo original**

**Prevalências ao nascimento de anomalias congênitas entre nascidos vivos no estado do Maranhão de 2001 a 2016: análise temporal e espacial**

Prevalence at birth of congenital anomalies among live births in the state of Maranhão from 2001 to 2016: temporal and spatial analysis

Anomalias congênitas no Maranhão

Luzivan Costa Reis<sup>I</sup> ORCID: 0000-0003-0145-4947; E-mail: [luzivanreis@gmail.com](mailto:luzivanreis@gmail.com)

Márcia Helena Barbian<sup>II</sup> ORCID: 0000-0002-5557-754X; E-mail: [mhbarbian@gmail.com](mailto:mhbarbian@gmail.com)

Augusto César Cardoso-dos-Santos<sup>I,III</sup>, ORCID: 0000-0002-1499-9105; E-mail: [santosaccd@gmail.com](mailto:santosaccd@gmail.com)

Elis Vanessa de Lima Silva<sup>I</sup>, ORCID: 0000-0001-98064835; E-mail: [evlsilva@hcpa.edu.br](mailto:evlsilva@hcpa.edu.br)

Juliano André Boquett<sup>I,IV</sup> ORCID: 0000-0002-6437-789X; E-mail: [juliano.boquett@ufrgs.br](mailto:juliano.boquett@ufrgs.br)

Lavínia Schuler-Faccini<sup>I,IV,V</sup> ORCID: 0000-0002-2428-0460; E-mail: [lavinia.faccini@ufrgs.br](mailto:lavinia.faccini@ufrgs.br)

<sup>I</sup>Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular, Departamento de Genética, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Porto Alegre (RS), Brasil.

<sup>II</sup>Instituto de Matemática e Estatística, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Porto Alegre (RS), Brasil.

<sup>III</sup>Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde-Brasília (DF), Brasil.

<sup>IV</sup>Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Porto Alegre (RS), Brasil.

<sup>V</sup>Serviço de Genética Médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Instituto Nacional de Genética Médica (INAGEMP) - Porto Alegre (RS), Brasil.

**Autor correspondente:** Lavínia Schuler-Faccini. Departamento de Genética, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Av. Bento Gonçalves, Campus do Vale, 95000, CEP: 91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: [lavinia.faccini@ufrgs.br](mailto:lavinia.faccini@ufrgs.br). Telefone: + 55 51 3308-9826.

**Conflito de interesses:** Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

**Fonte de financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), sob o processo (nº 88882.345626/2019-01).

### **Contribuição dos autores**

Reis LC, Schüler-Faccini L e Barbian MH participaram da concepção do estudo, coleta, análise, interpretação dos dados, e redação do manuscrito. Cardoso-dos-Santos AC, Silva EVL e Boquett JA participaram da análise, interpretação dos dados e redação do manuscrito. Todos os autores participaram da análise crítica do conteúdo do trabalho e aprovaram a versão final do manuscrito, e são responsáveis por todos os aspectos, inclusive a garantia de sua precisão e integridade.



## RESUMO

**Objetivos:** Analisar as prevalências ao nascimento e a distribuição espacial e temporal das anomalias congênitas entre nascidos vivos no estado do Maranhão nos anos de 2001 a 2016. Descrever variáveis de interesse demográficas, gestacionais e neonatais.

**Métodos:** Estudo ecológico, de base populacional, a partir de dados secundários do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos. Foram calculadas prevalências ao nascimento anuais de ACs totais e por grupos. Análises espaciais utilizaram o cálculo de Indicadores de Associação Espacial Locais e o Índice de Moran I e mapas interativos foram gerados. Variáveis de interesse demográficas, gestacionais e neonatais disponíveis no SINASC foram descritas no grupo dos recém-nascidos com ACs.

**Resultados:** Foram incluídos 1.831.830 nascidos vivos, 6.110 com anomalias congênitas (33,4/10.000). Maiores frequências ocorreram nos anos mais recentes. Aglomerados espaciais foram observados em anos específicos. As prevalências de nascidos vivos com anomalias foi diferente entre categorias de variáveis consideradas como fatores de risco para este defeito.

**Conclusão:** A prevalência ao nascimento de nascidos com anomalias congênitas foi inferior ao esperado para defeitos maiores na espécie humana (3%). O pico temporal de registros em 2015/2016 está provavelmente relacionado ao aumento de microcefalia causada pela infecção gestacional por vírus Zika. Os aglomerados espaciais provavelmente se deveram a variações ao acaso pelo número pequeno de nascimentos pois não se repetem em outros anos. Estudos como este são base para o estabelecimento de programas de vigilância de defeitos congênitos.

**Palavras-chave:** Anomalias congênitas. Estudos ecológicos. Nascimento vivo. Teratígeno.



## ABSTRACT

**Objectives:** To analyze the prevalence at birth and the spatial and temporal distribution of congenital anomalies (CAs) among live births in the state of Maranhão in the years 2001 to 2016. To describe demographic, gestational and neonatal variables of interest.

**Methods:** Ecological, population-based study, using secondary data from the Information System on Live Births (SINASC). Annual prevalence of total and per group CAs was calculated. Spatial analyzes used the calculation of Local Indicators of Spatial Association and the Moran I Index and interactive maps were generated. Demographic, gestational and neonatal variables of interest available at SINASC were described in the group of newborns with CAs.

**Results:** 1,831,830 live births, 6,110 with CAs (33.4/10,000) were included. Higher frequencies have occurred in more recent years. Spatial clusters have been observed in specific years. The prevalence of births of babies with CAs was different between categories of variables considered as risk factors for this outcome.

**Conclusion:** The prevalence at birth of total CAs was lower than expected for the human species for major defects (3%). The temporal peak of records in 2015/2016 is probably related to the increase in CAs caused by gestational infection by Zika virus. The spatial clusters were probably due to variations at random due to the small number of births as they are not repeated in other years. Studies like this are the basis for the establishment of CA surveillance programs.

**Keywords:** Congenital abnormalities. Ecological studies. Live births. Teratogen.

## INTRODUÇÃO

Anomalias Congênicas (ACs) são alterações que ocorrem nos processos embrionários e estão presentes ao nascimento<sup>1</sup>, em consequência de fatores genéticos, ambientais, ou pela combinação de ambos<sup>2</sup>. Alguns fatores podem elevar a probabilidade de sua incidência, como consanguinidade, idade materna, infecções congênicas (vírus Zika, rubéola), doenças maternas crônicas (diabetes pré-gestacional, epilepsia) e uso de medicamentos durante a gestação (talidomida, misoprostol)<sup>2,3</sup>. Estima-se mundialmente que de 2 a 3% de todos os nascidos vivos apresentem alguma anormalidade morfológica clinicamente significativa (anomalias maiores)<sup>4</sup>, sendo muitas delas passíveis de prevenção em diferentes níveis<sup>1,5</sup>.

As ACs constituem importante componente da mortalidade infantil na América Latina e Caribe, sendo a segunda causa de óbitos em crianças menores de cinco anos<sup>6</sup>. No Brasil, representam a segunda causa de mortalidade infantil, ficando apenas atrás de prematuridade<sup>7</sup>, com ocorrência 2,71/1.000 crianças menores de um ano de idade entre os anos de 2006-2010 no território brasileiro<sup>8</sup>.

Na literatura há diversos estudos apresentando as frequências de ACs em diferentes regiões do Brasil, mas em estados específicos do Norte e Nordeste estas análises ainda são escassas<sup>9</sup>. O estado do Maranhão, por exemplo, está exposto em situações de risco, como a presença endêmica do vírus Zika; elevada prevalência de hanseníase e o consequente uso de talidomida<sup>10</sup>; taxa de consanguinidade maior que a média brasileira<sup>11</sup>; e possível baixa ingestão de ácido fólico por mulheres em idade reprodutiva<sup>12</sup>. A elaboração de linhas de base de frequência de ACs ao nascimento é um passo importante para o estabelecimento de programa de vigilância ativa que permita a identificação rápida de novos teratógenos no ambiente. Desta forma, o objetivo do

presente estudo foi analisar as prevalências ao nascimento de ACs, bem como a distribuição espacial e temporal destas em nascidos vivos. Como objetivos secundários e descrever as variáveis de interesses associadas com ACs no estado do Maranhão no período de 2001 a 2016.

## MÉTODOS

Todas as informações foram coletadas a partir de dados públicos disponíveis *online* pelo Ministério da Saúde do Brasil, através do DATASUS (<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205&id=6936>). Os dados disponíveis provém do Sistema de Nascidos Vivos do Sistema Único de Saúde (Sinasc), cuja fonte é a Declaração de Nascido Vivo, documento de preenchimento obrigatório em todo o Brasil<sup>13</sup>. Além de dados gestacionais, de nascimento e demográficos, há também um campo para notificação das ACs observadas ao nascimento. A partir da descrição *verbatim* das anomalias na Declaração de Nascido Vivo, uma segunda etapa envolve a codificação de acordo com capítulo XVII (Malformações Congênitas - Q00-Q99) da CID-10 (Décima Revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde)<sup>14</sup>. Na área pública do SINASC as ACs são apresentadas de forma agrupada, assim como as demais variáveis maternas e dos recém-nascidos.

A população em estudo constituiu-se de todos os nascidos vivos entre os anos de 2001 e 2016, filhos de mulheres com residência no estado do Maranhão. Foram posteriormente excluídos da análise todos os registros em que o campo “Anomalia Congênita” constasse como “ignorado”. Os dados foram consultados no ano de 2018.

O presente trabalho tem delineamento ecológico, visto que as unidades analíticas

representam grupos populacionais (sendo o município o nível de maior desagregação analítica).

A prevalência ao nascimento de ACs em nascidos vivos foi calculada considerando o numerador como o número total de crianças com registro de pelo menos uma AC durante os anos de 2001 a 2016, enquanto o denominador foi o total de nascimentos vivos no mesmo período excluindo-se aqueles em que o campo “Anomalia Congênita” foi marcado como “ignorado”. Após, multiplicou-se as prevalências por dez mil e seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%) foram calculados a partir da distribuição de Poisson.<sup>15</sup>

Foram também calculadas as prevalências ao nascimento considerando grupos de diagnósticos de acordo com a CID-10 fornecidos pelo DATASUS. Foram calculadas razões de prevalência de recém-nascidos com ACs com seus respectivos IC95% nas seguintes categorias de variáveis: a) Idade materna (<35 anos ou  $\geq 35$  anos); b) Número de consultas pré-natais (<7 ou  $\geq 7$ ); c) Relação marital (com ou sem companheiro estável); d) Escolaridade materna (<12 anos de estudo ou  $\geq 12$  anos de estudo); e) Tipo de parto (vaginal ou cesáreo); f) Tipo de gestação (única ou gêmeos e múltiplos); g) Prematuridade (<37 semanas ou  $\geq 37$  semanas); h) Sexo (masculino ou feminino); i) Cor da pele (branca, negra, parda ou indígena/amarela); j) Peso ao nascimento (<2.500g ou  $\geq 3.500$ g); k) Índice Apgar no 5º. minuto (<8 ou  $\geq 8$ ).

Análises espaciais e temporais foram implementadas na linguagem R versão 3.6.0 (<https://www.r-project.org/>) sob a interface do RStudio. Para o desenvolvimento das ferramentas de visualização foi necessária a utilização de vários pacotes do R, entre eles cabe destacar o *shiny*<sup>16</sup> para o desenvolvimento de aplicações web, o *ggplot* para elaboração dos gráficos e o *leaflet* para geração dos mapas.

Para medir a autocorrelação espacial entre a prevalência dos municípios foi calculado o Índice Global de Moran<sup>17</sup>, essa estatística assume valores no intervalo -1 a 1, em que o zero indica a hipótese nula de que não há associação espacial entre as áreas, valores positivos dessa estatística sugerem que áreas próximas tendem a ser mais similares. Se o Índice Global de Moran for positivo e significativo ( $p < 0,05$ ), espera-se que municípios estejam agrupados de alguma forma, uma das alternativas para identificar esses casos é calcular os Indicadores Locais de Associação Espacial (LISA) Anselin<sup>18</sup>, esses indicadores determinam a contribuição individual de cada área para no cálculo do Índice Global de Moran, e são estatísticas úteis na identificação de áreas de alta prevalência assim como agrupamentos de municípios com valores semelhantes para a prevalência de ACs.

Mapas com a distribuição espacial e séries temporais das prevalências de ACs dos diferentes municípios do Maranhão nos anos de 2001 à 2019 estão disponíveis em dois aplicativos com acesso livre nos seguintes *links*: <https://mhbarbian.shinyapps.io/AppAnomaliasCongenitasMaranhao1/> e <https://mhbarbian.shinyapps.io/AppTiposAnomaliasCongenitasMaranhao2/>. Essas duas ferramentas permitem visualizar os dados de forma interativa, em que o usuário escolhe diferentes filtros, como ano e o tipo de anomalia a serem apresentadas nos mapas ou séries temporais. Esses aplicativos são dirigidos à pesquisadores e gestores interessados em compreender as variações espaciais e espaço-temporais das ACs no estado do Maranhão, além de identificar áreas de risco elevado e detectar possíveis clusters em alguma região no estado.

Foram utilizados exclusivamente bancos de dados abertos, secundários e anonimizados. Assim, não houve submissão deste projeto a um Comitê de Ética em

Pesquisa. No entanto, foi realizado em concordância com a resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que rege as pesquisas com seres humanos.

## RESULTADOS

No período de 2001 a 2016 foram registrados 1.934.958 nascidos vivos no estado do Maranhão. Destes, 6.110 nasceram com anomalias congênitas, mas 103.128 (5%) foram excluídos da análise pois o campo de anomalias congênitas constava como “ignorado”. Desta forma, o número total de nascimentos considerado no denominador foi de 1.831.830. A prevalência ao nascimento de ACs foi de 33,4/10.000 (IC95% 29,3-37,4). Observou-se um aumento nos registros ao longo dos anos, crescendo de 19,3/10.000 em 2001, para 62,0/10.000 em 2016 (Figura 1). Particularmente, os anos de 2015 e 2016 apresentaram os maiores valores.

A Figura 2 mostra diferenças entre municípios vizinhos com aglomerados de anomalias congênitas com altos valores de  $I_i$  nas regiões Oeste e Sul do estado, principalmente nas cidades próximas a Imperatriz e Davinópolis, e na região central (município de Barra do Corda) nos anos de 2008 e 2010. Na região central, o município de Governador Eugênio Barros apresentou baixo valor de  $I_i$  de anomalias congênitas em relação aos municípios da sua vizinhança no ano de 2016 (Figura 2D).

As anomalias congênitas mais frequentemente observadas foram as que envolvem aparelho osteomuscular e do sistema nervoso (Tabela 1).

Na Tabela 2, observa-se distribuições diferentes de nascimentos de crianças com ACs de acordo com variáveis consideradas de risco. Quanto às características maternas, as maiores prevalências ocorreram em mulheres com idade superior a 35 anos, entre

aquelas que realizaram mais do que sete consultas pré-natais, casadas, com escolaridade acima de 12 anos, parto cesáreo, e gestação gemelar. Quanto aos nascidos, ACs foram mais frequentes entre os de baixo peso ao nascimento, prematuros e do sexo masculino.

## DISCUSSÃO

Na série de anos aqui estudada observamos o aumento no registro de ACs ao longo dos anos, especialmente nos anos de 2015/2016. Outros trabalhos brasileiros também mostram que no ano de 2016 houve um aumento de notificações de ACs, em parte devido ao número de casos de microcefalia congênita causadas pelo vírus Zika, mas também por uma possível maior atenção às malformações congênitas de uma maneira geral, também motivadas pela teratogenicidade do vírus Zika<sup>19</sup>. Como fica evidente na Figura 1 deste trabalho, há “salto” de notificações a partir do ano de 2015. Mesmo assim, a prevalência total nestes 15 anos de observação é em torno de um décimo do esperado para a espécie humana em geral (2-3%)<sup>4</sup>. Parte desta diferença com outros estudos internacionais se deve ao tipo de anomalia registrada e mesmo qualidade de registro. Por exemplo, um estudo acompanhou a evolução do correto preenchimento de defeitos congênitos na Declaração de Nascido Vivo em quatro maternidades da cidade de São Paulo no ano de 2008, totalizando 10 mil nascimentos. Os autores concluíram que houve aumento da notificação dos defeitos nas maternidades paulistas onde o estudo foi realizado quando comparado com os anos anteriores.<sup>20</sup> Estados como São Paulo e Rio Grande do Sul, onde projetos especiais de sensibilização e capacitação dos profissionais que descrevem e codificam as anomalias congênitas mostram prevalências mais altas e mais aproximadas do esperado para a espécie humana<sup>20</sup>.

Uma das particularidades que deve ser considerada é o fato da DNV ser

preenchida logo após ao nascimento, o que permite sobretudo que ACs facilmente visíveis ao nascimento sejam diagnosticadas<sup>9,13</sup>. Isto se observa no presente trabalho, assim como em outros estudos no Brasil<sup>19,21,22</sup>, em que anomalias do sistema musculoesquelético, secundadas pelas anomalias do sistema nervoso central, são as mais frequentemente registradas<sup>19,22-24</sup>. Estas anormalidades são de fácil identificação em ultrassons de rotina no pré-natal ou no exame físico. Em contraposição, cardiopatias congênitas aparecem bem menos em registros que incluem apenas dados neonatais, mas são muito maiores quando se analisam registros de mortalidade infantil<sup>25</sup>. No Brasil, particularmente a partir de 2015, os registros das anomalias congênitas do sistema nervoso começaram a ter especial atenção durante e após a epidemia do vírus Zika<sup>26</sup>.

O Estudo Colaborativo Latino Americano de Malformações Congênitas (ECLAMC) cobre diversos países latino-americanos e costuma apresentar prevalências muito maiores que as observadas em estudos baseados no SINASC. Entretanto, o ECLAMC tem modo operativo próprio, onde destacamos: (1) baseado em hospitais, muitos dos quais terciários para onde são derivados nascimentos de alto risco e com diagnóstico pré-natal de anomalias congênitas; (2) o registro das malformações congênitas pode ser até o momento da alta hospitalar e é feito por profissional treinado para tanto; (3) há um sistema de controle de qualidade realizado por um centro coordenador com qualificação do dado quando incompleto<sup>9</sup>.

Outros estudos de de prevalências ao nascimento de ACs no Brasil mostram resultados heterogêneos, também com tendência de aumento nos anos mais recentes em como por exemplo em São Luiz, MA (34/10.000 em 2002 e 75/10.000 em 2011)<sup>22</sup>. Diferenças geográficas entre estados são mais marcantes variando de 20/10.000 (Rio Branco, AC) a 160/10.000 em São Paulo<sup>20-25,27-28</sup>.

As razões das diferenças geográficas de prevalências dentro no Maranhão quanto no Brasil podem ser consequências das diferenças populacionais (genéticas, ancestralidade) e ambientais<sup>11,12,29</sup>, e devem ser melhor investigadas em futuros estudos. Entretanto, quando são aglomerados que ocorreram em anos específicos e que não se repetem em anos posteriores podem se dever ao fato de que em eventos raros e em populações pequenas o nascimento adicional de uma única criança com AC pode impactar na frequência naquele ano.

Cardoso-dos-Santos et al., observou aglomerados espaciais de ACs no Maranhão, encontrando isolados principalmente nas regiões Sul e Centro maranhense, em um estudo que usou a análise de sobrenomes como um marcador de consanguinidade<sup>11</sup>. Encontrar aglomerados ou isolados pode ser um ponto inicial para identificação de populações onde características demográficas podem elevar a presença de uma síndrome genética (os chamados “isolados genéticos”) ou identificar um teratígeno ambiental específico<sup>31-32</sup>.

Chamamos a atenção quanto às associações positivas entre presença de ACs e algumas variáveis estudadas disponíveis no Sinasc, concordantes com a literatura brasileira e internacional<sup>3,12,21,30</sup>. Idade materna avançada e gemelaridade são conhecidos fatores de risco independentes para ocorrência de anomalias cromossômicas, enquanto outras variáveis são possivelmente consequência de síndromes malformativas como a prematuridade, baixo peso ao nascimento e baixo índice de Apgar<sup>30</sup>. Surpreendentemente, outras variáveis consideradas de proteção, como por exemplo escolaridade materna, relação marital estável e maior número de consultas no pré-natal apresentaram prevalência maior nos registrados com anomalias congênitas (Tabela 2). Uma hipótese para explicar este achado seria de que estas mulheres teriam mais acesso

à serviços de saúde e, possivelmente, melhor diagnóstico das anomalias<sup>30</sup>.

Neste sentido uma das limitações deste estudo foi a utilização de dados secundários públicos disponíveis no Sinasc. O estudo foi realizado com dados agrupados e não individualizados, tanto dos recém-nascidos como os de anomalias congênitas. Desta forma não foram possíveis análises mais sofisticadas procurando interações entre estas variáveis como as por análise multivariada.

Em conclusão, registramos as linhas de base de frequências de ACs no Maranhão, mostrando um aumento nos registros entre 2001 e 2016. Mostramos associação de anomalias congênitas com algumas variáveis de risco e a existência de aglomerados espaciais de anomalias congênitas no Sul e no Centro maranhense. Este estudo pode servir como base para implementação de protocolos de vigilância ativa e prospectiva destas anomalias no estado do Maranhão.

## REFERÊNCIAS

1. Nacul LC, Stewart A, Alberg C, Chowdhury S, Darlison MW, Grollman C, et al. A Toolkit to assess health needs for congenital disorders in low- and middle-income countries: an instrument for public health action. *J Pub Health* 2013; 36 (2): 243-250. <http://dx.doi.org/10.1093/pubmed/fdt048>.
2. Santos S, Kok F, Weller M, Paiva FRL and Otto PA (2010) Inbreeding levels in Northeast Brazil: strategies for the prospecting of new genetic disorders. *Genetics and Molecular Biology* 33(2), 220–223.
3. Mazzu-Nascimento T, Melo DG, Morbioli GG, Carrilho E, Vianna FSL, Silva AA, et al. Teratogens: a public health issue - a Brazilian overview. *Genet Mol Biol* 2017; 40 (2):387-97. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-4685-GMB-2016-0179>.
4. Moorthie S, Blencowe H, Darlison MW, Lawn DJ, Mastroiacovo P, Morris JK, Modell B, et al. An overview of concepts and approaches used in estimating the burden of congenital disorders globally. *J Community Genet* 2018; 9 (4): 347-362. <http://dx.doi.org/10.1007/s12687-017-0335-3>.
5. Modell B, Darlison MW, Malherbe H, Moorthie S, Blencowe H, Mahaini R, El-Adawy M. Congenital disorders: epidemiological methods for answering calls for action. *J Community Genet* 2018; 9(4):335-340. <http://dx.doi.org/10.1007/s12687-018-0390-4>.
6. Zarante I, Hurtado-Villa P, Walani SR, Kancherla V, López Camelo J, Giugliani R, et al. A consensus statement on birth defects surveillance, prevention, and care in Latin America and the Caribbean. *Rev Panam Salud Publica* 2019; 43(2): 1-6. <http://dx.doi.org/10.26633/RPSP.2019.2>.
7. Brasil (2019) Saúde Brasil 2018: Uma análise da situação de saúde e das

doenças e agravos crônicos: desafios e perspectivas. Ministério da Saúde.

8. Bronberg R, Schuler-Faccini L, Virginia R, Alfaro E, Dipierri J. Spatial and temporal analysis of infant mortality from congenital malformations in Brazil (1996–2010). *J Community Genet* 2014; 5(3): 269-82. <http://dx.doi.org/10.1007/s12687-013-0170-0>.
9. Luquetti DV, Koiffman RJ. Quality of birth defect reporting in the Brazilian Information System on Live Births (SINASC): a comparative study of 2004 and 2007. *Cad Saúde Pública* 2010; 26(9):1756-1765. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2010000900009>.
10. Vianna FSL, Kowalski TW, Fraga LR, Sanseverino MT, Schuler-Faccini L. The impact of thalidomide use in birth defects in Brazil. *Eur J Med Genet* 2017; 60 (1):12-15. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ejmg.2016.09.015>.
11. Cardoso-dos-Santos AC, Ramallo V, Zagonel-Oliveira M, Veronez MR, Navarro P, et al. An invincible memory: what surname analysis tells us about history, health and population medical genetics in the Brazilian Northeast. *J Bio Science* 2020 (on-line); 1-16. <http://dx.doi.org/10.1017/S0021932020000127>.
12. Schuler-Faccini L, Sanseverino MTV, Rocha-Azevedo LM, Moorthie S, Alberg C, Chowdhury S, Sagoo G, Burton H, Nacul L. Health needs assessment for congenital anomalies in middle-income countries: Examining the case for neural tube defects in Brazil. *J Community Genet* 2013; 5 (2):147-155. <http://dx.doi.org/10.1007/s12687-013-0165-x>.
13. DATASUS-SINASC. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - Sistema de Notificações sobre Nascidos Vivos. [Internet]. 2019 [citado 2019 ago 22]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv.def>.

14. OMS. Organização Mundial de Saúde. Classificação estatística internacional para doenças e problemas relacionados à saúde (CID-10). São Paulo: Centro colaborador da OMS para a Classificação das doenças em português. Décima revisão. Versão 2008. [citado 2019 abr 13]. Disponível em: [https://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/web\\_help/cid10.htm](https://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/web_help/cid10.htm).
15. Bégaud B, Martin K, Abouelfath A et al. Any easy-to-use method for approximate Poisson confidence limits. *Eur J Epidemiol*; 2005 20(3):213-216. <https://doi.org/10.1007/s10654-004-6517-4>.
16. Chang W, Cheng J, Allaire JJ, Xie Y, McPherson J. shiny: Web Application Framework for R. R package version 1.5.0. 2020. <https://CRAN.R-project.org/package=shiny>
17. Bivand, R. S., Pebesma, E. J., Gómez-Rubio, V., & Pebesma, E. J. (2008). *Applied spatial data analysis with R* (Vol. 747248717, pp. 237-268). New York: Springer.
18. Anselin L. Local Indicators of Spatial Association – LISA. *Geo Analysis* 2010; 27(2): 93–115. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1538-4632.1995.tb00338.x>.
19. Silva JH, Terças ACP, Pinheiro LCBP, França GVA, Atanaka M, Schüler-Faccini L. Perfil das anomalias congênitas em nascidos vivos de Tangará da Serra, Mato Grosso, 2006-2016. *Epidemiol Serv Saúde* 2018; 27 (3): 1-10. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742018000300017>.
20. Nicola PDR, Cernach MCSP, Perez ABA, Brunoni D. A utilização da Internet na notificação dos defeitos congênitos na Declaração de Nascido Vivo em quatro maternidades públicas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2010; 26 (7):1383-1390. <http://www.scielosp.org/article/csp/2010.v26n7/1383-1390/>.

21. Guimarães ALS, Barbosa CC, Oliveira CM, Maia LTS, Bonfim CV. Relationship of databases of live births and infant deaths for analysis of congenital malformations. *Rev Bras Saude Mater Infant* 2019; 19 (4): 925-933. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042019000400010>.
22. Rodrigues LS, Lima RHS, Costa LC, Batista RFL. Características das crianças nascidas com malformações congênitas no município de São Luís, Maranhão, 2002-2011. *Epidemiol Serv Saúde* 2014; 23 (2):296-303. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742014000200011>.
23. Lima NA, Silva SMM, Fernandes, TAM, Lucena EES. Perfil Epidemiológico das Malformações Congênitas em Recém-Nascidos no Estado do Rio Grande do Norte no Período de 2004 a 2011. *Rev Bras Ciênc Saúde* 2018; 22 (1): 45-50. <http://dx.doi.org/10.4034/RBCS.2018.22.01.06>.
24. Cosme HW, Lima LS, Barbosa LG. Prevalência de Anomalias Congênitas e fatores associados em Recém-Nascidos do município de São Paulo no período de 2010 a 2014. *Rev Paul Pediatr* 2017; 35 (1): 33-38. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462;2017;35;1;00002>.
25. Luz GG, Karam SM, Dumith SC. Anomalias congênitas no estado do Rio Grande do Sul: análise de série temporal. *Rev Bras Epidemiol* 2019; 22 (e190040): 190-040. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720190040>.
26. Marinho F, Araújo VEM, Porto DL, Ferreira HL, Coelho MRS, Lecca RCR, et al. Microcefalia no Brasil: prevalência e caracterização dos casos a partir do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), 2000-2015. *Epidemiol Serv Saúde* 2016; 25 (4): 701-12. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742016000400004>.
27. Reis AT, Santos RSS, Mendes TAR. Prevalência de malformações congênitas

no município do Rio de Janeiro, Brasil, entre 2000 e 2006. *Rev Enferm* 2011; 19(3): 364-368. <http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/9388>.

28. Freire MHS, Barros APMM, Andrade L, Nihei OK, Fontes KB. Geospatial analysis of births with congenital disorders, Paraná, 2008-2015: ecological study. *Rev Bras Enferm* 2020;73 (3): e20180741. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0741>.

29. Lima LMM, Melo ACO, Vianna RPT, Moraes RM. Análise espacial das anomalias congênitas do sistema nervoso. *Cad saúde colet* 2019; 27(3): 257-263.. <https://doi.org/10.1590/1414-462x201900030313>.

30. Baldacci S, Gorini F, Santoro M, Pierini A, Minichilli F, Bianchi F. Environmental and individual exposure and the risk of congenital anomalies: a review of recent epidemiological evidence. *Epidemiol Prev*. 2018;42(3-4 Suppl 1):1-34. doi: 10.19191/EP18.3-4.S1.P001.057.

31. Cardoso GC, de Oliveira MZ, Paixão-Côrtés VR, Castilla EE, Schuler-Faccini L. Clusters of genetic diseases in Brazil. *J Community Genet*. 2019;10(1):121-128. doi: 10.1007/s12687-018-0369-1

32. Gili JA, Poletta FA, Giménez LG, Pawluk MS, Campaña H, Castilla EE, et al. Descriptive analysis of high birth prevalence rate geographical clusters of congenital anomalies in South America. *Birth Defects Res A Clin Mol Teratol* 2016;106(4):257-66.<http://dx.doi.org/10.1002/bdra.23481>.

Recebido em 30/06/2020

Revisado em 06/12/2020

Aprovado em 07/12/2020



**Tabela 1.** Prevalência por grupo de anomalias congênitas disponíveis no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos no estado do Maranhão no período de 2001-2016, por 10.000 nascimentos vivos.

<b>Classificação dos tipos de anomalias congênitas</b>	<b>N</b>	<b>Prevalência (IC95%)<sup>b</sup></b>
Aparelho osteomuscular (Q65-Q79)	1.680	8,7 (7,6-10,4)
Deformidades congênitas dos pés (Q66)	1.072	5,5 (3,3-7,7)
Sistema nervoso (Q00-Q07)	1.004	5,2 (3,0-7,4)
Outras malformações congênitas (Q80-Q89)	640	3,3 (0,5-3,8)
Fenda labial e palatina (Q35-Q37)	413	2,1 (0,7-3,5)
Aparelho digestivo (Q38-Q45)	351	1,8 (0,2-3,8)
Aparelho urinário (Q60-Q64)	348	1,7 (0,3-3,7)
Anomalias cromossômicas (Q90-Q99)	245	1,3 (1,2-3,8)
Aparelho circulatório (Q20-Q28)	154	0,8 (0,7-0,9)
Espinha bífida (Q05)	138	0,7 (0,6-0,8)
Hemangioma e linfangioma de qualquer localização (D18)	25	0,1 (0,1-0,2)
Deformidades congênitas do quadril (Q65)	18	0,1 (0,0-0,1)
Testículo não descido (Q53)	08	0,0 (0,0-0,0)
Ausência atresia e estenose do intestino delgado (Q41)	07	0,0 (0,0-0,0)

Fonte: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), 2019.

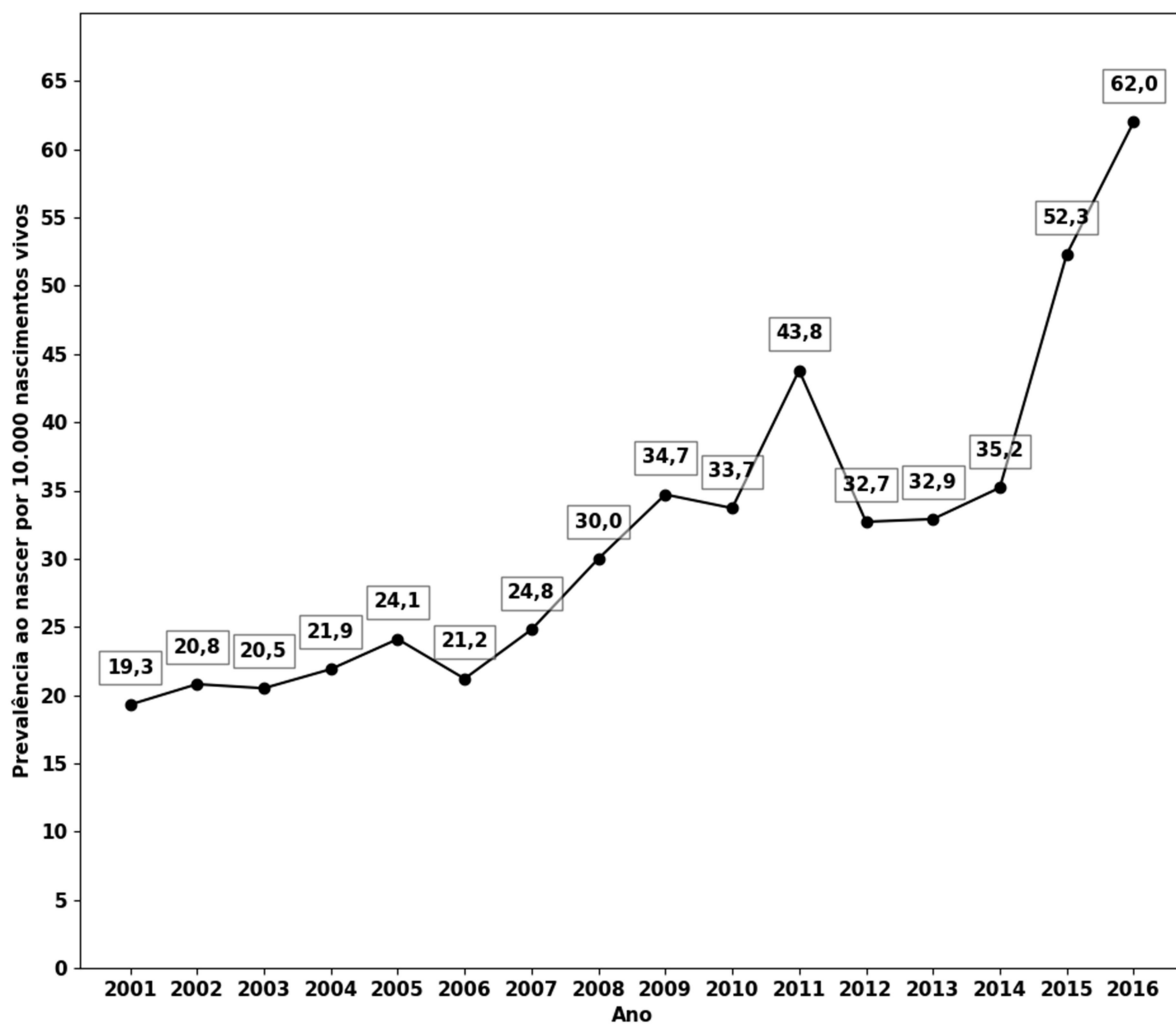
**Tabela 2.** Prevalência de anomalias congênitas conforme variáveis de interesses disponíveis no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos, no estado do Maranhão, no período de 2001 a 2016, prevalência por 10.000 nascimentos vivos

<b>Variáveis</b>	<b>N</b>	<b>Prevalência (IC95%)</b>	<b>Razão de prevalência (IC95%)</b>	<b>p-valor</b>
<b>Idade da mãe</b>				
< 35 anos	5.536	32,1 (27,5-36,6)	1,00	
≥ 35 anos	537	50,6 (46,1-55,1)	1,59 (1,44-1,72)	<0,001
<b>Consultas no pré-natal</b>				
0 a 6 consultas	4.213	32,6 (31,8-33,2)	0,91 (0,87-0,97)	0,027
≥ 7 consultas	1.834	35,4 (34,7-36,1)	1,00	
<b>Estado civil</b>				
Sem companheiro	3.390	30,7 (28,8-32,4)	0,81 (0,77-0,86)	<0,001
Com companheiro	2.608	37,6 (35,8-39,4)	1,00	
<b>Escolaridade</b>				
0 a 11 anos	5.441	33,3 (32,3-34,2)	0,88 (0,84-0,94)	0,012
≥ 12 anos	537	37,3 (36,4-38,2)	1,00	
<b>Tipo de parto</b>				
Vaginal	3.074	24,9 (17,2-23,5)	1,00	
Cesáreo	3.010	50,8 (45,7-55,9)	2,04 (1,26-3,28)	<0,001
<b>Tipo de gravidez</b>				

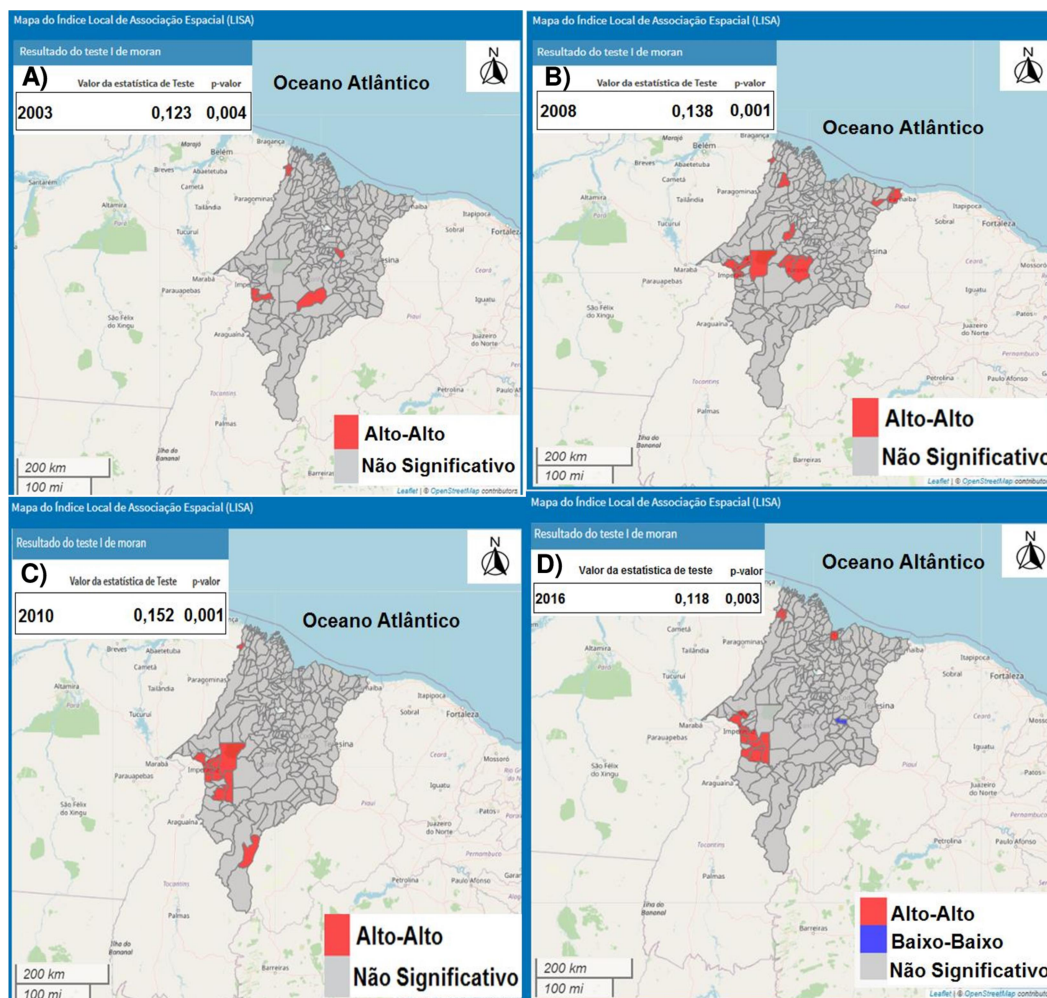
Única	5930	33,0 (28,1-37,7)	1,00	
Gêmeos ou múltiplos	156	52,6 (48,8-56,3)	1,60 (1,04-2,50)	<0,001
<b>Tempo de gestação</b>				
≤ 36 semanas	1.101	85,5 (79,5-91,5)	2,96 (1,94-3,51)	<0,001
>36 semanas	4.775	29,1 (18,9-39,4)	1,00	
<b>Sexo</b>				
Masculino	3.366	35,8 (34,8-36,8)	1,20 (1,14-1,27)	<0,001
Feminino	2.648	29,7 (28,6-30,8)	1,00	
<b>Raça/Cor</b>				
Branca	718	31,5 (20,4-42,6)	1,00	
Preta	176	32,4 (21,2-43,6)	1,02 (0,87-1,21)	0,078
Parda	4.285	30,9 (19,8-42,0)	0,97 (0,90-1,06)	0,621
Indígena/Amarela	76	27,9 (17,4-38,4)	0,88 (0,69-1,12)	0,307
<b>Peso ao nascer</b>				
< 2,500g	1.447	115,7 (107,7-123,8)	4,29 (2,82-6,52)	<0,001
≥ 2,500g	4.634	27,3 (10,7-44,0)	1,00	
<b>Apgar 5º minuto</b>				
0 a 7	1.175	156,6 (146,8-166,4)	4,90 (3,35-7,16)	<0,001
8 a 10	4.268	32,0 (10,0-53,9)	1,00	

**Totais**                      **6.110**    **33,4 (29,3-37,4)**

Fonte: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), 2019.



**Figura 1.** Distribuição temporal das prevalências de anomalias congênitas no Maranhão, período de 2001-2016. Fonte: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), 2019.



**Figura 2.** Análise da distribuição geográfica dos agrupamentos de prevalência de nascidos vivos com anomalias congênitas no estado do Maranhão. **Nota:** a figura apresenta apenas os anos com Índice de correlação espacial de LISA (Moran  $I_i$ ) significativos para o período analisado. **Fonte:** <https://mhbarbian.shinyapps.io/AppAnomaliasCongenitasMaranhao1/> e <https://mhbarbian.shinyapps.io/AppTiposAnomaliasCongenitasMaranhão2/>.